

## **HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL E TURISMO RURAL: UM ESTUDO COM EX-CANAVIEIROS DA ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO**

João Paulo da Silva  
Universidade Federal rural de Pernambuco

**RESUMO:** Neste estudo analisou-se o processo de hibridização cultural a que estão submetidos os trabalhadores rurais do Engenho Itamatamirim, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Especificamente, a análise foi voltada à compreensão das reconversões culturais que essa população, formada por ex-canavieiros, sofreu ao longo da passagem da condição laboral de cortador de cana para a de trabalhador do turismo rural. Como procedimentos metodológicos foram utilizadas técnicas combinadas de coleta de dados, como: entrevista semi-estruturada e uso da história oral. Os resultados dessa investigação demonstraram que as reconversões processadas nos campos do trabalho e da vida dos ex-canavieiros do Engenho Itamatamirim tiveram influência na renda, nas condições de moradia, no uso do tempo livre, no lazer, no acesso às novas tecnologias da comunicação e da informação, nas formas de participação e organização política, na auto-estima e no cotidiano familiar.

**PALAVRAS CHAVES:** turismo rural, hibridização cultural e reconversão cultural

**ABSTRACT:** This study analyzed the process of cultural hybridization which are subject to the rural workers of the Itamatamirim Farm in Vitoria de Santo Antão, Pernambuco. Specifically, the analysis was focused on understanding the cultural reconversion that population, made up of former sugar cane, suffered during the passage of the condition of labor cane cutter for a worker's holiday. The methodological procedures were used combined techniques of data collection, such as semi-structured interview and oral history. The results of this investigation showed that the reconversion processed in fields of work and life of the former sugar cane Itamatamirim Farm had an influence on income, housing, use of leisure time, leisure, access to new communication technologies and Information, forms of political organization and participation, self-esteem and daily family life.

**KEY WORDS:** rural tourism; cultural hybridization; cultural reconversion

**INTRODUÇÃO:** Com o impacto tecnológico no meio rural. Além disso, é importante pensarmos em políticas públicas efetivas para o desenvolvimento da atividade turística

Promoção



Realização



com base local, pois, do contrário, fica comprometida a possibilidade de desenvolvimento local impulsionada pelo turismo, já que esse exige mobilização e iniciativa dos atores locais em torno de um projeto que atenda as necessidades da coletividade.

### **1. A POPULAÇÃO DO ENGENHO ITAMATAMIRIM E OS TRABALHO COMO O LUGAR DAS RECONVERSÕES**

No Engenho Itamatamirim existem, atualmente, 23 trabalhadores, entre contratados com carteira assinada e pessoas que trabalham como prestadoras de serviço. Desse quantitativo de trabalhadores, 16 residem dentro da propriedade, entre homens e mulheres, jovens e adultos. A maioria das famílias já reside dentro do Engenho desde a época em que foi adquirido, em meados de 1950. Na época, algumas casas já existiam ali e o então proprietário permitiu que aquelas famílias continuassem a viver naquele espaço, tornando-se logo em seguida trabalhadores do engenho de cana-de-açúcar que viria a ser construído.

Hoje, residem na propriedade as famílias dos trabalhadores que atuavam como canavieiros, além de parentes que migraram das cidades vizinhas para trabalhar no Engenho Itamatamirim e, por isso, passaram também a residir dentro da propriedade. A maioria desses trabalhadores rurais configura-se como polivalente, atuando em atividades ligadas à pecuária e ao turismo rural. Na expressão “polivalência” reconhece-se um significado que de modo mais ou menos empírico, é comum a todos: trabalhador polivalente é aquele submetido a realizar uma multiplicidade de tarefas (XAVIER, 1997).

Dentre esses trabalhadores polivalentes, existem 06 (seis) que já trabalharam como canavieiros, cortando cana-de-açúcar para o próprio Engenho Itamatamirim. São

esses trabalhadores que interessam a esta pesquisa, por estarem inseridos numa nova lógica produtiva diferente da que vivenciaram na agricultura canavieira. Essas pessoas permaneceram cortando cana-de-açúcar de 08 a 15 anos. Todos afirmaram que iniciaram na agricultura canavieira por influência do pai, como relatam:

Eu comecei por influência do meu pai. A gente sempre foi pobre e você sabe não é, pobre aqui na região não consegue muita coisa. A maioria das pessoas que moram perto de engenho e de usina, a tendência é cortar cana para sobreviver (ENTREVISTADO 01).

Eu acompanhava meu pai, que trabalhava no canavial e cortava cana para o Engenho. Ele já morava aqui na casa que eu moro hoje, mas ele faleceu faz um tempo e minha mãe também morreu faz uns 05 anos (ENTREVISTADO 03).

Eles também nunca receberam algum tipo de formação para trabalhar como canavieiro, como explica o Entrevistado 02:

Nunca recebi nenhum treinamento. A gente aprende isso com o pai da gente e com a vida. Não precisa ser formado para cortar cana. Não existe faculdade para isso. Isso é serviço de gente ignorante feito eu (ENTREVISTADO 02).

Quando perguntados sobre o motivo que os levou a deixar esse tipo de atividade, todos afirmaram que isso se deu em função da mudança de atividade dentro do próprio Engenho Itamatimir, que passou a explorar a pecuária e, posteriormente, o turismo rural. É o que podemos perceber nas falas abaixo:

Deixei porque o seu Ney deixou isso de lado e começou a criar gado que tava dando mais lucro na época. E até hoje é melhor (ENTREVISTADO 04).

Parei porque o Engenho deixou de investir na cana-de-açúcar e começou a criar gado, peixe, e investir em outras coisas e depois no turismo rural (ENTREVISTADO 05).

Todos os entrevistados são adultos, casados e possuem filhos, encontrando-se numa faixa etária entre 30 anos de idade e 53 anos de idade. Vitória de Santo Antão é a cidade de origem de 03 entrevistados, sendo os outros 02, oriundos das cidades de Moreno e de Glória do Goitá, respectivamente. Porém, estes afirmam que passaram a maior parte da vida no Engenho Itamatamirim, em Vitória de Santo Antão. O nível de escolaridade desses trabalhadores é baixo - apenas 02 concluíram o nível fundamental.

Os trabalhadores residem em casas de alvenaria, doadas pelo proprietário do Engenho. As casas são simples, rústicas e com poucos cômodos, construídas enfileiradas uma ao lado da outra. Cada uma das casas é habitada por indivíduos ligados entre si por laços de parentesco: pai, mãe, filhos solteiros, filhos casados e, excepcionalmente agregam-se a eles o pai ou a mãe dos cônjuges.

Desde que o proprietário do Engenho Itamatamirim teve a idéia de transformar o espaço em um empreendimento turístico, alguns trabalhadores rurais que já eram empregados da propriedade passaram a desenvolver essa nova atividade produtiva não-agrícola como uma forma de aumentar sua renda familiar. Entre os ex-canavieiros, o mais antigo está atuando no turismo rural desde o início de sua implantação no Engenho Itamatamirim, no início dos anos 2000. Os demais já estão trabalhando com o turismo rural por volta de 05 a 06 anos.

Diante do crescimento do turismo rural no Estado de Pernambuco e da experiência do Engenho Itamatamirim, em 2004 o PROMATA ofereceu alguns cursos de curta duração para os trabalhadores rurais daquela propriedade. Como a intenção era inserir o Engenho na Rota Engenhos e Maracatus, uma iniciativa do PROMATA para promover a interiorização do turismo em Pernambuco, foi preciso atender a uma demanda de trabalhadores que ainda não possuía formação adequada para atuar em determinadas funções do turismo rural. Sobre essa experiência, relatou este trabalhador:

Uma vez veio o pessoal do PROMATA aqui, fez uns cursos rapidinho. Eram cursos de atendimento, de turismo rural, de turismo de aventura e de etiqueta, essas coisas para o cara ficar parecendo mais certinho. O pessoal aqui gostou muito, porque era uma festa, eles serviam lanche, davam brinde. Mas foi pouco tempo para a gente aprender muita coisa (ENTREVISTADO 01).

Embora tenham participado dessa formação oferecida pelo PROMATA, os ex-canavieiros ainda sentem a necessidade de uma melhor formação profissional para atuar como trabalhadores de turismo rural:

Fiz um curso do PROMATA, quando eles tiveram aqui no Engenho para a gente participar de uma Rota que tinha ai. Eu vi o cartaz, era muito bonito. Mas parece que não vingou, porque eles acham que povo vai passar a fazer tudo como eles querem somente em uns cursos. É preciso de mais incentivo, mais capacitação (ENTREVISTADO 02).

Há também, o caso de um trabalhador que teve que sair do Estado para aprender o ofício de monitor de esportes de aventura. Ele foi obrigado a reconverter os códigos de trabalhador rural para desenvolver essa nova atividade no Engenho Itamatamirim, como relata:

Quando eu comecei a trabalhar, Eduardo me deu unas instruções e depois eu fui para Brotas [Cidade do Estado de São Paulo] com ele pra fazer um curso de monitor de esportes de aventura. A gente ficou lá 03 meses. A cidade é o 'pico' dos esportes de aventura aqui no Brasil (ENTREVISTADO 03).

Segundo Almeida e Silva (2001), o turismo rural é uma atividade na qual os produtores devem capacitar-se para adquirir novos conhecimentos que elevem o nível dos serviços oferecidos e ampliem o benefício do desenvolvimento local junto ao meio rural. A falta de uma melhor formação para atuar com o turismo rural foi apontada

ainda como a principal dificuldade encontrada pelos entrevistados, como podemos observar nas falas:

Olha, só sinto falta de mais capacitação. Acho que a gente poderia também ser contratado com carteira assinada, mas eles não querem, acho porque é melhor para eles. Mas não estou reclamando não viu. Mas acho que eu queria estudar mais, fazer um curso sobre turismo porque acho que a gente poderia participar melhor e trabalhar melhor (ENTREVISTADO 01).

Acho que falta mais capacitação para a gente. Eu queria terminar meus estudos e fazer um curso de inglês. Acho 'arretado' quem fala inglês. A gente daqui ainda é muito atrasado sabe. O pessoal não tem estudo e na hora de falar com os turistas uns até têm vergonha (ENTREVISTADO 02).

Porém, há aqueles que não vêm dificuldades no seu trabalho com o turismo rural, como é o caso desse entrevistado:

Não vejo muita dificuldade. Gosto muito do que faço. Se pudesse só fazia isso. O dinheiro é bom e o trabalho dá prazer pra gente. Tem coisa melhor do que você fazer o que gosta? (ENTREVISTADO 03).

A mudança na vida de contextos populares quando passam a desenvolver novas atividades produtivas para as quais não foram treinados é extremamente importante para compreendermos como se dá a formação de uma identidade híbrida. Segundo Fontana e Dencker (2006), ao enveredar pelo turismo rural, o produtor passa por uma série de transformações na sua vida, que inclui não só questões relacionadas à renda, mas também ao modo de encarar a vida, a religião, o lazer e o tempo livre. Essas mudanças levaram esses indivíduos a reconverter seus códigos de trabalhador para atuar na nova lógica produtiva imposta pelos grandes empresários do turismo rural.

Para os ex-canavieiros do Engenho Itamatamirim, a atuação no turismo rural mudou consistentemente suas vidas. Uma dessas mudanças se refere ao acesso à informação como forma de adquirir um conhecimento que possa contribuir para a melhoria do seu trabalho. Esse conhecimento é adquirido, principalmente, através do uso das mídias que passam a funcionar como elementos propulsores da reconversão, como podemos observar nos relatos abaixo:

O negócio é assistir televisão que a gente aprende. Não aprende quem não quer. A televisão tem muita coisa pra ensinar e a gente pode usar no dia-a-dia (ENTREVISTADO 01).

Olha, eu to ganhando um dinheiro a mais. Já dou minhas voltinhas. Eu também passei e assistir mais televisão para ficar mais informado, não é? Porque nesse trabalho é importante a gente saber de muita coisa. Hoje qualquer assunto que você falar ai eu conheço, porque assisto, muito, televisão e ouço rádio também. Tudo isso melhorou na minha vida por causa do trabalho no turismo rural (ENTREVISTADO 02).

Quanto à percepção da importância que eles, os trabalhadores, têm para o Engenho Itamatamirim, vem a tona uma outra reconversão, ligada à auto-estima desse trabalhador. Sobre isso, um dos trabalhadores destaca a importância do seu trabalho para a propriedade e vê com otimismo o seu futuro no turismo rural:

Eu hoje sou muito importante para o Engenho, porque eu trabalho também na administração. Eu vou resolver as coisas fora do Engenho, vou para Recife, para Vitória. Acompanho Neyzinho e Eduardo no que precisam. Eu sou como um braço direito deles. Depois que eu passei a trabalhar com turismo eu vi que é uma coisa que vai para frente. Não é feito a cana-de-açúcar mesmo, que não tem um futuro. Aqui eu sei que tem um futuro e se eu me capacitar mais eu posso ganhar mais (ENTREVISTADO 03).

Outra reconversão importante diz respeito a auto-imagem desses trabalhadores, que passam agora a se preocupar com questões que antes não representavam grande importância nas suas vidas, como é o caso das formas de se

vestir, de falar e de se comunicar. Trata-se de uma reconversão nos modos de viver, de valorizar o fato de se vestir e de falar melhor, por exemplo, como uma forma de se sentir aceito e participante da sociedade. Essa questão pode ser ilustrada nas falas a seguir:

A gente lida com pessoas importantes que vem para o Engenho conhecer. Por isso, a gente tem que se vestir melhor não é? Até falar de um jeito mais entendido, porque eu mesmo não tive muito estudo, mas agora eu não tenho vergonha de chegar no povo, porque antes eu era muito bronco. Mas o dia-a-dia aqui ajudou todo mundo a ficar mais educado. A gente parecia uns 'bicho-do-mato' (ENTREVISTADO 01).

Esse trabalho com turismo abre a cabeça da gente sabe? Faz a gente ficar mais inteligente. Eu mesmo passei a assistir jornal todo dia. Ver o Globo Rural, a gente fica se interessando mais pelas coisas que estão acontecendo na região (ENTREVISTADO 01).

Com relação ao salário que ganham atualmente, um entrevistado demonstra satisfação com o acréscimo proporcionado pelo turismo rural:

O salário melhorou, porque eu tiro no final de semana uns 60 a 90 reais, depende se tiver muita gente pra andar a cavalo quando vem para o pesque-pague. E Neyzinho [proprietário do Engenho] sempre me dá uns 50 reais extra, por algum serviço que eu faço. No geral é um dinheiro bonzinho, já dá pra fazer a nossa feira da semana (ENTREVISTADO 01).

Mas não foi apenas o salário que aumentou. Com ele, veio também o aumento da jornada de trabalho. Atuando como trabalhadores polivalentes, o período de trabalho tornou-se mais intenso e desgastante, como explica o Entrevistado 05:

Hoje eu trabalho praticamente todo dia. De vez em quando a gente tem uma folga na semana, chama um colega seu pra ficar no seu lugar e depois é você que tira a folga dele e assim vai. Mas eu gosto mesmo é de trabalhar, não me incomoda de trabalhar todo dia. À noite a gente descansa. Melhor do que não fazer nada não é? (ENTREVISTADO 05).



O trabalho intenso que esses ex-canavieiros desenvolvem dentro do Engenho Itamatamirim pode trazer conseqüências, não só no desgaste físico e mental desses trabalhadores, mas também quanto às perspectivas de crescimento profissional dos mesmos, pois em uma condição de trabalho polivalente a que estão submetidos, acabam não se dedicando com mais profundidade a nenhuma das atividades que desenvolvem.

Entretanto, há aqueles que perseguem a possibilidade de participarem de mais cursos de capacitações e que isto lhes proporcione atuar em outras atividades do turismo rural dentro do próprio Engenho Itamatamirim, como se observa:

Se a gente tivesse mais capacitações poderia até trabalhar em outras funções, não sei. Mas olho mais para os meus filhos. Penso no futuro deles e acho que o turismo pode ser uma boa saída porque tem muitos cursos e faculdade de turismo por ai (ENTREVISTADO 04).

A preocupação com capacitações para o melhor desempenho do trabalho que exercem atualmente é considerada uma reconversão fundamental, pois esses trabalhadores passam a adotar uma postura de quem trabalha em uma atividade competitiva, característica esta das sociedades urbanas contemporâneas, o que não existia antes em relação à atividade canavieira.

Também foi possível identificar que o processo de reconversão alcançou o domínio das aspirações de formação universitária. Ao terem contato com atividades que exigem um maior nível técnico para serem executadas, como acontece no turismo rural, bem como a influência do neto do proprietário, que possui curso superior em Turismo, alguns trabalhadores passam a se interessar pela participação em cursos de qualificação na área de turismo, o que demonstra o anseio de investir em um nível mais elevado de formação para atuar no turismo rural e galgar novas oportunidades profissionais nesta área:

Hoje eu vejo que posso crescer muito no turismo rural. Eduardo fez faculdade de turismo e disse que é muito bom. Eu tinha vontade de fazer faculdade um dia de turismo ou então um curso técnico, porque isso aqui vai crescer muito ainda. O turismo rural aqui ta só começando (ENTREVISTADO 03).

O turismo rural possui uma demanda formada, predominantemente, por pessoas que residem na área urbana (RODRIGUES, 1997). No momento em que propriedades de turismo rural, como o Engenho Itamatamirim, recebem esses visitantes, o contato dos mesmos com os trabalhadores rurais que ali atuam é inevitável. Esse contato, que proporciona uma troca de experiências entre o visitante e o nativo daquele espaço, também pode causar impactos determinantes no comportamento deste último indivíduo. No caso dos ex-canavieiros do Engenho Itamatamirim pode-se observar um processo semelhante, quando se identificou uma reconversão no comportamento ao valorizar a adoção de uma postura mais urbana, como um dos entrevistados afirmou:

A gente também se comporta melhor, fica mais educado. Fica menos matuto. Ninguém dá atenção a quem é matuto. Eles querem é saber de quem fala bem e o turismo rural precisa de gente que se comporte, tenha educação (ENTREVISTADO 02).

Essa reconversão na forma de se comportar diante do trabalho no turismo rural, também influencia o consumo cultural dos ex-canavieiros, pois com o contato intenso que estabelecem com o visitante, bem como pela influência dos meios de comunicação de massa, essa população vê no consumo uma forma de estar inserido numa lógica mais moderna. Canclini (1988) afirma que o consumo não pode ser encarado apenas como um elemento de distinção, mas também como um mecanismo de integração ao definir valores comuns (TAUK SANTOS, 2008). Por essa razão, o poder de consumo das famílias também é apontado como uma mudança significativa advinda do trabalho com o turismo rural:

Hoje a gente conseguiu comprar muita coisa. Muita coisa que tem nas casas do pessoal que tem mais condição a gente tem também. Tem DVD, tem microondas, tem geladeira duplex, tem computador, tem tudo. Aqui, quando alguém já chega com uma novidade, todo mundo quer logo comprar também pra não ficar por baixo (ENTREVISTADO 05).

Quando os trabalhadores rurais entrevistados comparam o trabalho no turismo rural com o trabalho que desenvolviam na agricultura canavieira, alguns afirmam que os benefícios proporcionados pelo setor de serviços são bem mais evidentes do que se ainda estivessem atuando como canavieiros, como pode ser ilustrado com as falas a seguir:

O trabalho no turismo rural, pelo que eu vejo, é bem melhor. Se você me perguntar se eu queria deixar de trabalhar na roça, na pecuária, eu vou dizer que não. Mas eu queria trabalhar mais com turismo, porque acho muito prazeroso. Acho que se eu trabalhasse todos os dias teria um dinheiro melhor do que eu tiro com a pecuária aqui dentro (ENTREVISTADO 01).

Não tem nem comparação. Você trabalha menos e recebe mais. Quer coisa melhor? Além disso eu gosto de trabalhar com o turismo. Acho que levo jeito pra coisa. O turismo rural é uma atividade nova, vai crescer muito ainda. E a agricultura canavieira está em decadência (ENTREVISTADO 05).

Apesar de alguns trabalhadores demonstrarem satisfação com o turismo rural, essa atividade não deve ser vista ou promovida como a solução de todas as dificuldades do meio rural, como acaba aparecendo em alguns momentos no discurso do poder público e da iniciativa privada (FROEHLICH, 2002). Fontana e Dencker (2006) afirmam que importante, portanto, torna-se o processo de planejamento e implantação de tal atividade, preservando as raízes e atividades cotidianas da propriedade, sendo essas características os principais atrativos para quem busca o turismo rural.

Dessa forma, o turismo rural é uma atividade que deve ser vista e entendida como sendo um complemento às atividades agrícolas das propriedades rurais, de tal forma que o cotidiano da vida rural, em menor ou maior intensidade, continue a existir, sem prejudicar o tempo livre, o lazer e os costumes tradicionais das famílias rurais que passam a trabalhar com turismo rural, como é o caso do Engenho Itamatamirim.

## **2. CONCLUSÃO**

A literatura consultada revela que o turismo rural pode atuar como uma atividade importante na construção do desenvolvimento local, pois mobiliza capacidades e energias endógenas. Em Pernambuco, o turismo rural vem despontando como um dos principais atrativos turísticos do Estado e, aliado a isso, o poder público tem investido em políticas públicas que incentivam o desenvolvimento dessa atividade, apoiando a transformação de antigos engenhos de cana-de-açúcar em espaço de lazer e turismo. Porém, ficou demonstrado que essa atividade não pode ser encarada como a panacéia para o campo, ou seja, como a solução dos problemas sociais e econômicos a que estão submetidos os pequenos produtores e suas famílias.

Os resultados da pesquisa revelaram que a passagem da condição de cortador de cana-de-açúcar para a de trabalhador do turismo rural levou essa população a reconverter os códigos de sua cultura em diversos domínios da vida: como no trabalho, nas formas de participação política, no uso do tempo livre e no lazer, nos usos dos meios de comunicação e nas aspirações para o futuro.

No trabalho, o que se constatou é que os trabalhadores rurais do Engenho Itamatamirim não sentem saudades da época em que eram canavieiros, por afirmar que esse tipo de atividade era desgastante e não proporcionava muitos benefícios a

suas famílias. Embora a atual jornada de trabalho tenha se intensificado, eles consideram que o trabalho que desenvolvem hoje na pecuária e no turismo rural é mais gratificante e seguro do que o corte de cana-de-açúcar, embora alguns considerem que a situação da agricultura canavieira avançou um pouco com o tempo. No turismo rural, o maior problema diagnosticado pelos trabalhadores rurais foi a falta de capacitações e cursos de qualificação profissional para atuarem melhor na prestação de serviços. Isso demonstra que esses trabalhadores, apesar de estarem a certo tempo trabalhando com o turismo rural, ainda possuem algumas dificuldades nesse campo do seu trabalho.

Identificou-se, também, que está se reproduzindo uma tendência contemporânea de exploração do trabalho no turismo rural, exigindo cada vez mais da classe trabalhadora condições laborais polivalentes, isto é, esses trabalhadores passam a desenvolver múltiplas tarefas ao mesmo tempo e para atender à demanda de uma mesma empresa ou propriedade. Da maneira como o trabalho polivalente está se dando no turismo rural dificulta a profissionalização do trabalhador, uma vez que o mesmo passa a desfrutar de menos tempo livre para poder se dedicar a cursos de qualificação voltados para as atividades que desenvolve.

Sabe-se que o meio rural brasileiro é marcado historicamente por constituir um espaço de desigualdade. Essa desigualdade tem sido reproduzida também no turismo rural, nas relações sociais que se estabelecem entre os proprietários/empresários de turismo e os trabalhadores rurais, como vem ocorrendo no Engenho Itamatamirim. Por muito tempo, o rural foi visto como sinônimo de atraso e percebe-se que a população do campo, considerada de contexto popular, ainda hoje vem acessando de forma desigual os bens materiais e simbólicos da sociedade, como assinala Canclini (1988).

Desenvolver o turismo rural como uma monocultura, é persistir em um sistema centralizador historicamente construído e existente até hoje. O turismo rural deve gerar qualidade de vida para as populações locais, valorizar sua cultura e contribuir

para a preservação ambiental. Os principais agentes dessa mudança são os trabalhadores rurais, pois ninguém mais do que eles perpetuam a cultura local de forma atraente ao turismo.

Por fim, Entende-se que a experiência do Engenho Itamatamirim representa um processo em construção, um cenário de possibilidades, por isso, pode ser considerada como um esforço de desenvolvimento local no momento em que mobilizou, através do turismo rural, “capacidades e energias endógenas”, gerou novos postos de trabalho, estimulou nos indivíduos envolvidos o acesso à informação e a valorização da educação para o seu crescimento profissional. Entretanto, é importante prestar atenção às evidências dessa pesquisa para que a experiência de turismo rural seja aperfeiçoada a fim de profissionalizar e formalizar esse processo fundamental ao desenvolvimento local.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A.; SILVA, M. F. O turismo rural transformando os papéis do grupo familiar. In: 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 2001.

AMORIM, C. E. **Comunicação rural e turismo rural na imprensa de Pernambuco – 1993-2001.** 2002. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

ARAÚJO, T. B. **Nordeste, Nordestes: Que Nordeste?** Recife, s/d. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obte013.html>> Acesso em 12 de setembro de 2009.

CANCLINI, N.G. Culturas Híbridas y Estrategias Comunicacionales. SEMINÁRIO FRONTERAS CULTURALES: IDENTIDAD Y COMUNICACIÓN EN AMÉRICA LATINA. Santiago. **Anais...** Santiago, 1996.

Promoção



Realização



\_\_\_\_\_. Gramsci e as Culturas Populares na América Latina. In: COUTINHO, C. N.; NOGUEIRA, M. A. **Gramsci e a América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Engenhos de Pernambuco poderão ser usados como hotéis pelos turistas**. Recife, 1976.

EMPETUR. Empresa de Turismo de Pernambuco. **Pernambuco Conhece Pernambuco**. Recife, 2009. Disponível em <<http://www.peconhecepe.com.br/rotas.kmf>> Acesso em 23 de Agosto de 2009.

FERREIRA, M. M. **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora LTDA, 1994.

FONTANA, R. F.; DENCKER, A.F.M. Turismo Rural: desencontros de uma realidade. In: IV SEMITUR - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. Caxias do Sul. **Anais....** Caxias do Sul: Universidade Federal de Caxias do Sul, 2006..

FROELICH, J. M. **Turismo Rural e Agricultura Familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local**. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1982.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAISONNAVE, F. Sobrados e Mocambos: Engenhos desviam o turista para a zona da mata. **Folha de São Paulo**. 14 de Dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5791.shtml>> Acesso em 14 de Dezembro de 2006.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, 2004.

Promoção



Realização



MTUR. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil**. Brasília, 2004. Disponível em: <[http://www.embratur.gov.br/0-catalogo-documentos/arquivos-internos/Diretrizes -Turismo Rural.pdf](http://www.embratur.gov.br/0-catalogo-documentos/arquivos-internos/Diretrizes-Turismo Rural.pdf)> Acesso em 06 de Junho de 2009.

RAMEH, L. M. **Extensão Rural, Desenvolvimento Local e Turismo**: análise das ações da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. 2009. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

TAUK SANTOS, M. S. Receptores Imaginados: os sentidos do popular. In: XVII ENCONTRO DA COMPÓS. São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIP, 2008.

\_\_\_\_\_ et al. Políticas de comunicação e as novas ruralidades: estudo de recepção das propostas de turismo rural pelos canavieiros do Engenho Santa Fé, Pernambuco. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO. Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001.

XAVIER, B. L. A mobilidade funcional e a nova redação do art. 22º da LCT. **Revista de Direito e Estudos Sociais**, Lisboa, nº. s. 1-2-3, 1997.